

PALACETE BOLONHA

Uma promessa de amor

Belém do Pará
2007

Projeto Gráfico / Produção Editorial

Capa
George Venturieri

Editoração
Kilpatrick Domingos Tadaiesky Nogueira

Normalização
Hilma Celeste Alves Melo

*Célio Cláudio de Queiroz Lobato
Euler Santos Arruda
Aurea Helyette Gomes Ramos*

PALACETE BOLONHA
*B*ma promessa de amor



Belém do Pará
2007

Autores:

Célio Cláudio De Queiróz Lobato

Engenheiro Civil/UFPA - Professor Adjunto do Centro Tecnológico da UFPA/ Msc em Planejamento Urbano e Regional/IPPUR/UFRJ.

Euler Santos Arruda

Arquiteto e Urbanista/UFPA - Professor Adjunto do Centro Tecnológico da UFPA/ Msc em Planejamento Urbano e Regional/IPPUR/UFRJ; Museólogo/FESP/SP

Aurea Helyette Gomes Ramos

Arquiteta e Urbanista/Universidade Santa Úrsula/RJ - Especialista em Urbanismo pela UFRJ – Arquiteta da Prefeitura Municipal de Belém/FUMBEL/DEPH

Fotografias: Gilmara Menezes e Aurea Helyette Gomes Ramos

Fotógrafa/Arquiteta - Prefeitura Municipal de Belém/Fumbel/DEPH

Plantas de Arquitetura, Museologia e Museografia: Euler Santos Arruda e Ildo Barbosa Teixeira (in memorian)

Arquiteto e Museólogo/Museólogo

Dados Internacionais na Publicação (CIP)

Lobato, Célio Cláudio de Queiróz

Palacete Bolonha - Uma promessa de amor / Célio Cláudio de Queiroz Lobato, Euler Santos Arruda, Aurea Helyette Gomes Ramos. Belém: editora, 2005.

75p.

1. Bolonha, Francisco, 1872-1938-Biografia. 2. Arquitetura –Belém (PA) – Séc. XX. I. Lobato, Célio Cláudio de Queiroz. II. Arruda, Euler Santos III.Ramos, Aurea Helyette Gomes. IV Título.

Direitos de cópia/copyright, 2005,
por/by autores

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

DEDICATÓRIA



Foto 1 – O engenheiro civil Francisco Bolonha no hall social de acesso ao seu palacete.

Ao ilustre engenheiro civil, o paraense Francisco Bolonha (in memoriam), empresário, industrial, construtor, professor, Diretor de Obras Públicas, Terras e Viação do Estado, que pautou suas realizações com qualidade, bom gosto e requinte.

As nossas famílias, pelo apoio na realização e incentivo a este trabalho.

Os autores.

AGRADECIMENTOS

Prof. Dr. ALEX BOLONHA FIUZA DE MELLO.
Reitor da Universidade Federal do Pará

Família BOLONHA, em especial, a Sra. YOLANDA BOLONHA FIÚZA
DE MELLO

Arquiteto FRANCISCO BOLONHA SOBRINHO

Engenheiro OSMAR PINHEIRO DE SOUZA

Senhora NAIR CORDEIRO

Engenheiro DEOLINDO EUGENIO DA SILVA SODRÉ

Museólogo ILDO BARBOSA TEIXEIRA (in memorian)

Museóloga Prof^a Dra. WALDISA RÚSSIO CAMARGO GUARNIERI
(in memorian)

Aos nossos familiares, aos amigos e a todos que contribuíram para a
realização deste livro.

APRESENTAÇÃO

Este livro articula, numa única visão, diferentes esforços de compreensão do ainda pouco estudado Palacete Bolonha, valioso ícone do período econômico regional, situado entre os séculos XIX e XX e sustentado pela riqueza obtida com a exportação de borracha. Tais esforços foram feitos, inicialmente, na esfera de atuação individual e solitária de cada um dos três pesquisadores, autores deste livro.

O livro resulta, assim, das circunstâncias que aproximaram seus autores do estudo do Palacete Bolonha e que os aproximaram entre si.

Ele começou a surgir, em 2004, quando a arquiteta Áurea Helyette Ramos, como técnica da administração pública, administrava o Palacete Bolonha, e, naquela situação, via-se diante de constantes solicitações de informações sobre o passado dele, por parte de seus visitantes.

Anteriormente, o Museu do Estado estava instalado no palacete e era dirigido pelo arquiteto e museólogo Euler Santos Arruda. Nesta condição e com a colaboração do museólogo Ildo Barbosa Teixeira e da senhora Nair Cordeiro, entre outros, ele iria promover pesquisas e prospecções visando reconstituir a espacialidade original daquele valioso imóvel, inclusive, seu mobiliário, afinal, o palacete fora também o cenário de parte da narrativa familiar de Francisco Bolonha.

Euler Arruda analisaria os dados que conseguira obter sobre o imóvel em sua monografia de mestrado.

Por sua vez, Célio Lobato, também às voltas com a elaboração de sua monografia de mestrado, cujo tema era uma planta de Belém de 1905, havia juntado muitas outras informações sobre o palacete e, mais tarde, se tornaria um entusiasmado e dedicado estudioso de Bolonha.

A decisão de somar esforços, portanto, apresentou-se para cada um dos autores como uma medida natural e lógica, capaz de enriquecer aquilo que faziam separadamente. A elaboração deste livro terminou se constituindo numa oportunidade de convívio estimulante e fraterno entre pesquisadores movidos pelo compromisso com a preservação do acervo arquitetônico paraense. Sua publicação, agora, faz justiça à memória de Célio Lobato, desaparecido, pouco depois de ele ter entregue os originais à gráfica da UFPa.

No momento da apresentação, agora, do fruto desta convivência entre pesquisadores às pessoas interessadas na História da Cultura de nossa região, cabe ainda registrar que, ao longo da sua maturação, os autores deste livro estiveram sempre esperançosos de que seus esforços estimulem outros pesquisadores a igualmente dedicarem-se à extensa produção de Francisco Bolonha.

MENSAGEM DO REITOR DA UFPA

Este livro de Célio Lobato, Euler Arruda e Helyette Ramos resgata à memória dos paraenses, sob o testemunho de um Palacete de época, uma das personalidades mais ilustres e instigantes da história da cidade de Belém: Francisco Bolonha. “Tio Chiquinho”, como era carinhosamente apelidado pelos familiares, é parte, fruto e ator de um contexto muito particular da história da Amazônia (do Pará e de Belém): o período da Borracha. Sua trajetória de vida, o ambiente de sua formação intelectual e profissional, os recursos financeiros e patrimoniais disponíveis pela família na ocasião, que permitiram o longo estágio europeu de estudos e contato com personalidades importantes em Paris e Londres – a exemplo da prática das elites, que se correspondiam muito mais com o Velho Mundo que com a capital do Império/República, o Rio de Janeiro – tudo isso emoldura o quadro no interior do qual se delineia uma monografia de época.

A história de Francisco Bolonha sintetiza-se, mais que tudo, no legado da engenharia e arquitetura de suas belas obras, ícones de Belém. Em alguma medida, assim como existe uma Belém de Landi, uma Belém de Lemos, há, também, uma Belém de Bolonha. Uma leitura apaixonada da cidade se revela por detrás dos traços esculpidos de um imaginário estético que desejou erigir, no seio da maior floresta tropical do mundo, em meio e à beira de seu bocal de rios – porta de entrada do universo amazônico – uma metrópole moderna e singular.

No momento em que a “cidade das mangueiras” vê reacender um certo “belemismo” entre seus filhos, e se embeleza com obras importantes de restauração patrimonial, revitalização de espaços e construção/adaptação de novos – reaquecendo as manifestações artísticas e culturais de seu povo –, esta obra ajuda igualmente a projetá-la, por meio de Bolonha, nos cenários nacional e mundial, lugar que, por certo, não pode faltar a Belém.

Alex Bolonha Fiúza de Mello

Mensagem da Esposa

Mensagem do Diretor do Instituto Tecnologia - ITEC

Barreiros

MENSAGEM DOS AUTORES

Este trabalho é uma visão sobre uma representativa edificação e atores como produto de uma época, o “Ciclo da Borracha” e busca retratar o sentimento e a promessa de Francisco Bolonha à sua esposa Alice Tem-Brink, para quem o engenheiro construiu o Palacete Bolonha de maneira a dar condições de conforto e bem estar à sua vinda a Belém, que certamente à mesma, mostrava-se longínqua e desconhecida a quem morava na cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República.

Busca ainda, contribuir ao melhor conhecimento público de edificação de época, o seu mobiliário e contexto arquitetural e urbanístico e a sugerir que outras pesquisas avancem no melhor conhecimento do engenheiro e empresário Francisco Bolonha e o seu tempo.

Este livro é produto da iniciativa da arquiteta Aurea Helyette Gomes Ramos que em 2004 administrava o Palacete Bolonha e em razão de demandas, visou atender a busca constante de informações por visitantes, estudantes e turistas, sobre a edificação e sua história.

Buscou, junto ao arquiteto e professor Euler Santos Arruda, por este possuir elementos de texto de sua dissertação museológica quanto ao prédio em questão, por ter realizado pesquisas, prospecções e outros, com base em testemunhos/fotos, por ter sido diretor do MEP (Museu do Estado do Pará) o qual fora inicialmente abrigado no Palacete, e por ter feito intervenções para buscar a espacialidade original, com a ajuda do museólogo Ildo Barbosa Teixeira, dotar a capital de um Museu Biográfico no contexto do “Ciclo da Borracha”.

Buscou ainda, junto ao engenheiro civil e professor Célio Cláudio de Queiroz Lobato, outros dados importantes que complementavam a proposição do primeiro diretor do MEP em se dotar Belém de uma Casa de Época no Palacete Bolonha, com a reconstituição dos usos originais

dos espaços e resgate do mobiliário, entre outros.

No contexto supra, solicitou pela FUMBEL parceria da UFPA pela participação dos dois professores para a concretização desta obra.

SUMÁRIO

Mensagem do Reitor da UFPA	9
Mensagem da Esposa	11
Mensagem do Diretor do Instituto de Tecnologia-ITEC	13
Mensagem dos Autores	15
Resumo.....	23
Abstract	25
Introdução	27
O Palacete Bolonha	31
Localização.....	36
Pavimentos e Funções.....	39
Corte Esquemático/Transversal.....	42
As Circulações	43
Os serviços, máquinas e equipamentos	43
A tecnologia e materiais	45
As instalações domiciliares	58
O mobiliário	60
A Vila Bolonha.....	63
A Família Bolonha	67
Plantas	68
Metodologia e considerações dos autores	87
Referências	103

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Eng. Francisco Bolonha.....	5
Foto 2 - Família Bolonha em Paris.....	35
Foto 3 - Vista do Palacete Bolonha	41
Foto 4 - Detalhes em ferro fundido.....	47
Foto 5 - Parede interna/Ninfa	49
Foto 6 - Piso em pastilha/Detalhe da entrada social	50
Foto 7 - Piso em lajota hexagonal/Detalhe.....	51
Foto 8 - Piso em lajota/Detalhe	51
Foto 9 - Piso/Combinação de lajotas.....	52
Foto 10 - Piso em madeira/Detalhes	53
Foto 11 - Piso em tábuas/Detalhe	53
Foto 12 - Revestimento de parede interna.....	54
Foto 13 - Revestimento de parede interna.....	54
Foto 14 - Forro em madeira/Detalhe	55
Foto 15 - Forro em madeira/Detalhe	55
Foto 16 - Forro em estuque/Detalhe	56
Foto 17 - Forro em estuque/Detalhe	56
Foto 18 - Cobertura/Detalhe	58
Foto 19 - Descarga sanitária/Detalhe.....	59
Foto 20 - Cobertura/Vila Bolonha/Detalhe.....	64
Foto 21 - Vila Bolonha.....	65
Foto 22 - Vila Bolonha.....	66
Foto 23 - Sala de Visitas/Música/Detalhe.....	73
Foto 24 - Escada Social/Detalhe.....	74
Foto 25 - Arranques	75
Foto 26 - Sala de Almoço/Detalhe.....	76
Foto 27 - Sala de Jantar/Detalhe.....	77
Foto 28 - Azulejos Sala de Almoço/Detalhe	78
Foto 29 - Hall do banheiro e lavabo 2º Pav./Detalhe	79

Foto 30 - Piso em blocos de vidro/Detalhe	80
Foto 31 - Sala de banho do casal Bolonha/Detalhe.....	81
Foto 32 - Biblioteca/Detalhe.....	82
Foto 33 - Escada entre 3º e 4º Pav./Detalhe.....	83
Foto 34 - Esquadrias/Detalhe	84
Foto 35 - Mansarda/Detalhe.....	85
Foto 36 - Pannel em estuque/Detalhe.....	86
Foto 37 - Bolonha em traje a rigor	113
Foto 38 - Fachada frontal do Palacete Bolonha.....	115

RESUMO

O engenheiro civil Francisco Bolonha (1872-1938), natural de Belém do Pará, imprimiu no espaço urbano desta cidade significativos exemplares de um novo estilo de arquitetura: o ecletismo, que reúne estilos como o Neoclássico, o art-nouveau, o barroco e o rococó. Essa modinatura introduziu novas técnicas e materiais de construção com uso harmônico: estruturas metálicas, vidros, azulejos, pastilhas, estuques, telas de plômié, coberturas em ardósia, tijolos em vidro e o concreto armado. Ao retornar da Europa no final do século XIX, onde completara seus estudos de engenharia, resolveu fixar residência em Belém e dar início a uma série de obras que enriqueceram o acervo arquitetônico da capital paraense: o Mercado Municipal, a Sucursal dos Bombeiros, a Fábrica de Gelo, os Palacetes, o Sistema de Abastecimento de Água Potável do Utinga, os Quiosques, o prédio do Jornal “Folha do Norte”, a fundação da Escola de Engenharia do Pará e muitas outras realizações que, até hoje, são admiradas. Seu ícone principal de influência européia é a sua residência, o palacete Bolonha.

ABSTRACT

The engineer Francisco Bolonha (1872-1938) born in Belém, Pará, Brazil, printed in the urban space from this city, significant units of a new style of architecture: the eclecticism, that congregate styles as the Neoclássico, art-nouveau, baroque and rococó. This “modinatura”, introduced new techniques and materials of construction with harmonic use: metallic structure, glass, tiles, tablets, “estuques”, screens deploié, covering in slate, bricks in glass and the armed concrete. When returning from the Europe in the end of 19th century, where he completed his engineering studies, decided to live in Belém and to begin a series of workmanships that had enriched the architectural quantity in the capital of the Pará state: the Municipal Market, the Branch of the Firemen, the Ice Plant, “Palacetes”, the System of Potable Water Supply of the Utinga, Kiosks, the building of the “Folha do Norte” newspaper, the foundation of the School of Engineering of Pará and many others, that until today are admired. Is an icon of european influence in residential architecture of Brazil, Palacete Bolonha.

INTRODUÇÃO

Francisco Bolonha nasceu em Belém do Pará no dia 22 de outubro de 1872, na casa de seus pais, Coronel Francisco de Paula Bolonha Loureiro e Dona Henriqueta Adelaide Rodrigues Bolonha, localizada na Estrada de Nazaré, esquina com a Rua Assis de Vasconcelos.¹ Nessa edificação funcionou o antigo Grupo Escolar Floriano Peixoto e atualmente é a Casa da Linguagem.

Dona Henriqueta morreu a bordo de um transatlântico, no regresso de uma de suas muitas viagens a Europa.² O patriarca da família contraiu novas núpcias com Dona Augusta de Paiva, oriunda de ilustre família nordestina. A madrasta daria dois irmãos a Francisco: Julieta e Benjamin.

Bolonha realizou seus estudos primário e secundário no Colégio Americano, de propriedade e direção do memorável professor José Veríssimo. Em seguida, viajou para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1890. Ao concluir o curso de Engenharia Civil, em 1894, partiu para a Europa e fixou residência em Paris, onde realizou vários cursos de aperfeiçoamento. Posteriormente se especializou em hidráulica, na Holanda e na Inglaterra. Os estudos adquiridos sobre sistemas e redes de água encanada foram fundamentais para o progresso de Belém. Bolonha estava em Paris no último ano do século XIX e foi, assim, testemunha ocular da célebre Exposição Internacional de 1900. Tornou-se amigo de Gustave Eiffel, com quem aprendeu novas técnicas no uso de metais e cristais, na construção civil.

Bolonha casou com a pianista Alice Tem-Brink, no Rio de Janeiro, e voltou a morar em Belém, na casa de seu pai. De seu casamento, não foram gerados filhos.

1 CRUZ,1967, p. 303

2 PALMEIRA,1993 p.28

Estabeleceu o seu escritório de engenharia na rua da Indústria n.127 (hoje, rua Gaspar Viana), esquina da travessa Rui Barbosa. Neste mesmo local construiu e implantou uma fábrica de gelo, registrada com o nome de “Empresa de Gelo Paraense, de Bolonha, Paiva & Comp.”. Outra empresa de sua propriedade funcionou no mesmo endereço, a Empresa Construtora e Locadora de Quiosques, em obtenção de concessão pública para a construção e locação de quiosques, em diversos locais da cidade.³

Por ter construído o Mercado Municipal com recursos próprios, Bolonha obteve a concessão para explorar por trinta anos, o comércio efetuado no local. Fornecia o gelo que fabricava para os pescadores, em troca do peixe. Os pescadores que recebiam gelo de Bolonha, só podiam vender o peixe para ele, em monopólio estabelecido por ele. Bolonha foi Diretor do Departamento de Obras Públicas, Terras e Viação do Estado, professor e Diretor da Escola de Engenharia do Pará.

Em 1904, o major Carlos Bricio Costa, contratou com o engenheiro Francisco Bolonha a construção do Palacete “Bibi Costa”, em terreno localizado na antiga avenida São Jerônimo, atual Governador José Malcher, esquina com a Travessa Joaquim Nabuco. A obra ficou pronta em 1905 conforme a placa de metal fixada na entrada do prédio.

Em 22 de junho de 1906 foi inaugurado o prédio da Sucursal do Corpo de Bombeiros (Cremação), localizado à Rua 22 de Junho, hoje, Alcindo Cacela. Foi construído pelo engenheiro Francisco Bolonha, sendo o projeto do arquiteto italiano Filinto Santoro.

Bolonha construiu o Reservatório Paes de Carvalho, localizado a Travessa 1° de Março esquina da Rua Ó de Almeida. Uma torre em estrutura metálica, importada da Inglaterra, durante muitos anos foi cartão postal de Belém.

3 REVISTA A SEMANA, 1922.

O prédio da “Folha do Norte” foi projetado e construído pelo engenheiro Francisco Bolonha, considerado um dos mais importantes profissionais da área, pelas suas inúmeras obras espalhadas por Belém. O edifício da “Folha do Norte” é o primeiro prédio em Belém, cujas fundações e estrutura foram executadas em concreto armado.

Em 1897, o engenheiro Francisco Bolonha foi a Manaus, para ali montar a fábrica de gelo da firma Bolonha, Paiva & C^o da qual era o sócio gerente e que constituiu as primícias da grandiosa empresa industrial da Cervejaria Amazonense de propriedade da firma Miranda Correa & C^o de iniciativa dos irmãos Miranda Correa, cujo sócio gerente é o engenheiro Maximino Correa, amigo e contemporâneo de Bolonha nos estudos secundários no Colégio Americano, de direção do inesquecível educador paraense José Veríssimo. (Jornal Folha do Norte)

Bolonha construiu uma rampa (carreira) para pouso de aviões em Val-de-Cães.

(...) Partindo do Largo da Pólvora pela Avenida São Jerônimo, na esquina com a Travessa da Piedade deparava-se no meio da rua, com uma construção de ferro, imitando os “elevateds” de Nova York. Era a Montanha Russa, famoso engenho para diversões, trazido da Europa pelo Engenheiro Francisco Bolonha. (MARANHÃO, Haroldo. 2002, p.148)

Anuncio publicado no Jornal Folha do Norte, no qual Bolonha oferece seus trabalhos para escavação de poços artesianos :

“O engenheiro civil Francisco Bolonha encarrega-se da escavação de poços artesianos para fins doméstico ou industrial, em qualquer localidade desta capital, garantindo qualquer quantidade d’água potável exigida por contrato.

Para esse trabalho dispõe de todo o material necessário e bem assim de pessoal habilitado e prático.

Já tem escavado nesta cidade dois poços artesianos de 6” de diâmetro, com profundidade de 140 e 260 metros, com a capacidade de 36 metros cúbicos por hora cada um.

Trata-se na Fábrica de Gelo Paraense, de Bolonha & Paiva, à rua de Bragança n. 1.” (Folha do Norte, 25/03/1901, p.6.)

O PALACETE BOLONHA

Durante o “Ciclo da Borracha” na Amazônia surgiram numerosas construções particulares na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, chamadas de palacetes. Seus proprietários eram ricos comerciantes, políticos e milionários da época. Seus nomes identificavam os imóveis por eles construídos: Pinho, Faciola, Bolonha, Montenegro, Virgílio Sampaio, Carlos Bricio da Costa, Vitor Maria da Silva e muitos outros, que pela insensibilidade e especulação imobiliária foram, alguns, demolidos.

Nos salões desses palacetes, muitas vezes eram decididos o futuro político e econômico do Município e do Estado, além de ser o “palco” do que havia de melhor na vida social paraense. Neles aconteciam suntuosos saraus, recitais, bailes, jantares, onde desfilavam a elegante moda parisiense e londrina, importadas com exclusividade pela elite belenense.⁴

O Palacete Bolonha foi construído na primeira década do século XX, na estrada de São Jerônimo, 145 (hoje, Av. Governador José Malcher, 295) esquina com a Rua Dr. Moraes. Na fachada, o requinte dos palacetes europeus, aliados a forte influência das técnicas das exposições industriais européias. Refletindo como um bordado raro, o barroco⁵, o rococó⁶.

4 BASSALO, Célia. **O “Art-Nouveau” em Belém**. Belém: Grafisa, 1984.

5 Estilo arquitetural e decorativo que prevaleceu do fim do século XVI ao fim do século XVIII e influiu na arquitetura das igrejas coloniais no Brasil. Caracteriza-se pela irregularidade, por figuras plásticas e curvas e, principalmente nas suas últimas fases, pela ornamentação profusa, minuciosa e muitas vezes grotesca.

6 Estilo arquitetônico que esteve em moda na França e noutros países no século XVIII e consistia na profusão de ornatos e florões de mau gosto, em que predominava a afetação.

A construção do Palacete Bolonha ocorreu, segundo relatos familiares, à promessa e testemunho de amor de Francisco Bolonha a sua esposa, Alice Tem Brink Bolonha, que não queria deixar a capital do país, o Rio de Janeiro e vir morar em Belém do Pará.

No caminho ao adentrar ao palacete, passa-se por portão em gradil elaborados, em estilo art-nouveau⁷. O hall coberto, ao nível do primeiro pavimento e com acesso por escada, antecede o interior da edificação. Nesse espaço o sinal da fé paraense está presente: em um nicho elevado na parede, entre as portas à direita e à esquerda, uma imagem sacra. Em seu piso, em pastilha, observa-se a figura de um cão com a inscrição em latim “cave canem” – “cuidado com o cão”.

Planejada com afortunada inteligência e harmonia, a ventilação no Palacete busca amenizar o calor regional. Nos andares, uma abertura retangular na parede, capta o ar vindo da Dr. Moraes e São Jerônimo, permitindo que se propagasse pelos pisos superiores, através da escadaria helicoidal de uso dos empregados.

Vários recintos são revestidos por mármore e madeira de lei e que causam deslumbramento.

Ao talento pianístico de Alice, Bolonha dedicou uma sala de visita/ música ricamente decorada, onde se reunia a elite paraense para se enlevar em memoráveis recitais.

Nos banheiros e lavabos, as louças e torneiras, são inglesas. Existem pinturas nos azulejos, e um dos motivos é “rosas de todo o ano”.

Complementando a decoração, azulejos brancos com monogramas em ouro e altos relevos em porcelana.

7 Estilo decorativo que floresceu aproximadamente entre 1895 e 1914, surgido como reação ao historicismo imitativo do séc. XIX, e que se caracteriza, em princípio, pela assimetria das linhas sinuosas, pelas formas orgânicas (longos cabelos, folhas, flores, etc.) e pela originalidade da imaginação.

A cobertura com mansarda⁸, possui telhas em ardósia vivamente pintadas, em formidável jogo visual, admirado a distância.

O Palacete Bolonha é importante e singular exemplo do estilo eclético⁹ na cidade de Belém. Na época, um dos prédios mais altos da cidade. Com cinco pavimentos, incluindo a mansarda, sob a qual o engenheiro criou espaços que usava como depósito. Nesse pavimento, existe um mirante para visualizar a cidade.

O excesso de elementos nas fachadas faz dele o palacete do exagero decorativo, no entanto, com harmonia e por isso, o exemplo mais interessante dentre os palacetes “da borracha”. A ornamentação nas fachadas usou o que estava à disposição nos catálogos de materiais de construção no início do século XX. O palacete possui rincões, calhas e cumieiras em chapas e elementos de metal, ricamente trabalhados e decorados. Balaustradas em pedra e em argamassa, vãos e janelas em arco pleno, arco abaulado e plano – obedecendo a critério do projetista, de diferenciação por pavimento. Nas fachadas principais, pelo Governador José Malcher e Passagem Bolonha, existem apliques de anjos e guirlandas em estuque, nichos com estátuas, entre alguns elementos decorativos.

O ecletismo surgiu em Belém na figura dos palacetes e mansões, frutos em geral de pessoas enriquecidas no comércio da borracha ou em outras atividades comerciais, resultantes do “boom” econômico do Ciclo da Borracha.

Os modelos europeus exerceram relevante papel na arquitetura civil belenense durante o período marcado pelo desenvolvimento oriundo da economia do látex. As freqüentes viagens das famílias paraenses à Europa, a educação da juventude nos colégios parisienses, propiciaram

8 Do arquiteto francês J. H. Mansart, (1648 – 1708), permite espaços oblíquos sob o telhado.

9 Formado de elementos colhidos em diferentes gêneros, opiniões, modinaturas.

a formação de uma mentalidade impregnada aos temas e a cultura europeia, sobretudo da França e da Inglaterra.



Foto 2 – Família Bolonha em Paris. Imagem na qual se observa, em pé da esquerda para a direita: Alice Tem-Brink e Julieta de Paiva Bolonha; sentados: engenheiro Francisco Bolonha e Lindolfo Campos; sentado no chão: Benjamin de Paiva Bolonha, em Paris/França, primeira década do século XX, segundo a senhora Yolanda Bolonha Fiúza de Mello, filha de Benjamin. Chama a atenção à elegância dos trajes e do ambiente.

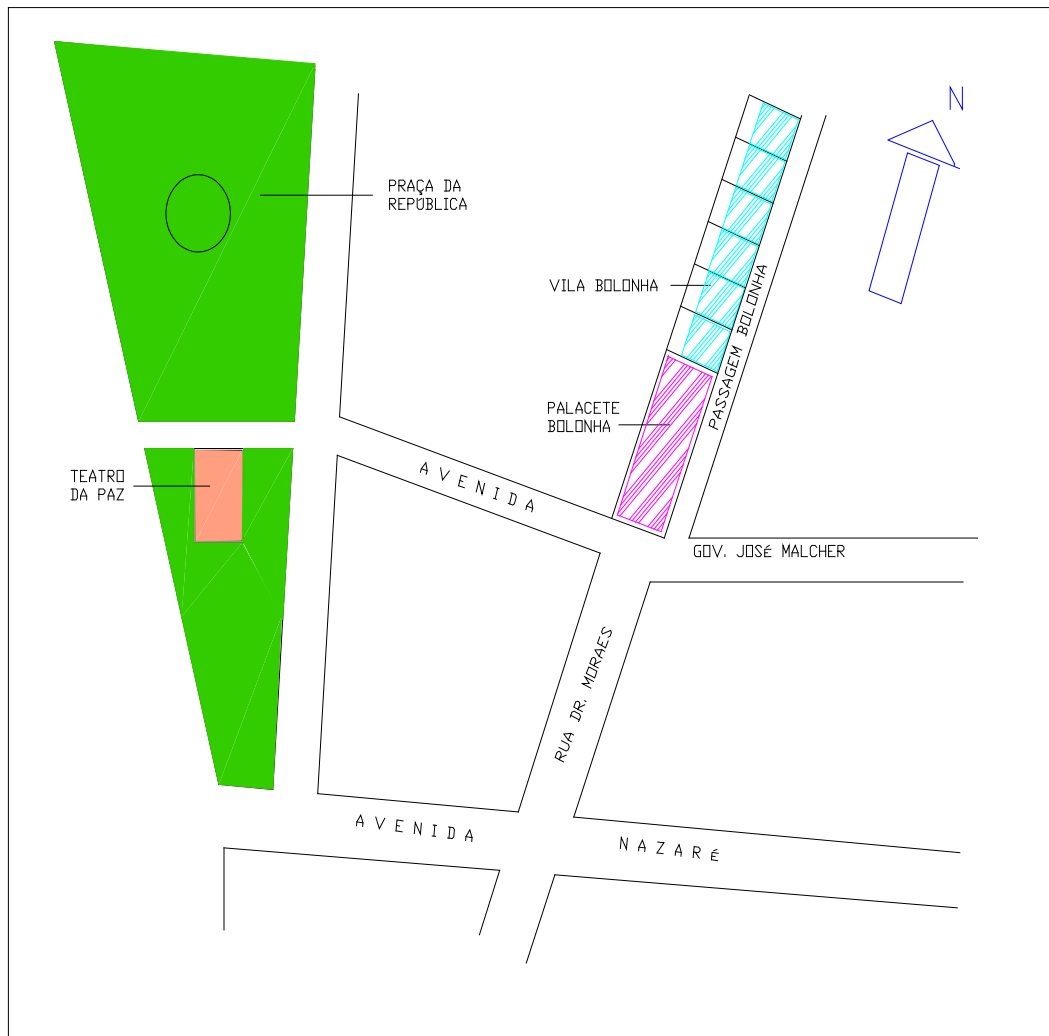
LOCALIZAÇÃO

O palacete Bolonha está localizado em uma das áreas mais valorizadas de Belém, na avenida Governador José Malcher (antiga Estrada de São Jerônimo), distante uma quadra da Praça da República e a uma outra, da Avenida Nazaré. O lote foi dividido longitudinalmente por uma via, a Passagem Bolonha, onde foram construídas as casas da Vila Bolonha.

O terreno era propriedade da Intendência de Belém e o intendente, Antônio Lemos. Bolonha comprou a área no ano de 1905, conforme escritura pública registrada no 1º Cartório de Registro de Imóveis de Belém, onde constam as seguintes medidas: frente, 14m; lateral esquerda, 71,04m; lateral direita, 87m e travessão nos fundos com 20,50m, adquirido pelo preço de trinta e dois contos e setecentos e sessenta mil réis.

Na planta de Belém elaborada pela The Para Electric Railways and Lighting Co.LTD, que na época, desenvolvia serviços de implantação da rede de transporte coletivo na cidade, através de bondes elétricos, a área adquirida por Bolonha era um grande pântano, que sofria influência das marés do igarapé do Reduto juntamente com as águas do outrora “Paul D’água”¹⁰. No inverno era um grande alagadiço e no verão, um matagal onde proliferavam insetos e roedores, com risco de doenças aos moradores das proximidades. Segundo relato de familiares, Bolonha em uma roda de amigos, comentou a sua intenção em construir um palacete no local adquirido, todos riram e não acreditaram nas palavras do engenheiro.

10 BOLONHA, 1932, p.39



Localização esquemática

Bolonha trouxe da Europa, os engenheiros Louis Bègon e Harry Nuding, para trabalharem nas diversas obras que desenvolvia em Belém naquele momento e contava com modernas máquinas e equipamentos importados, para uso em suas obras, conforme relatou¹¹ : usina de ar comprimido, para executar o trabalho de cravação de estrutura metálica e tanques, por meio de ferramentas pneumáticas, sistema norte-americano, usado com grande vantagem sobre todos os demais até então adotados, e que é empregado aqui, na nossa capital, pela primeira vez. Esta usina era composta de uma bomba de ar, de sistema aspirante calcante, com motor a vapor próprio, acionado por uma caldeira a vapor locomóvel, vertical, da força de 30 cavalos. Essa bomba aspira o ar da atmosfera e comprime-o em um reservatório de aço a uma pressão de 120 libras por polegada quadrada. Desse reservatório é o ar transmitido ate a plataforma superior da torre metálica por meio de um tubo de aço e daí por um sistema de válvulas é distribuído por meio de mangueiras de borracha, guarnecidas por armaduras metálicas, a todos os pontos da construção. Ferramentas pneumáticas, como cravadores, mandris, furadores, cortadores, martelos, calafetadores e máquinas de pintar, todas acionadas por ar comprimido. Equipamentos para perfuração de poços de até 180 metros de profundidade com vazão de acordo com as necessidades do cliente.

Bolonha era também, o maior importador de cimento no Pará¹². Recebia o material da Europa e dos Estados Unidos em quantidades que ultrapassavam duas mil barricas a cada importação e distribuía o cimento pelas obras da cidade.

É dispendo de todo esse acervo tecnológico que Bolonha iniciou e desenvolveu a construção do seu palacete, no período de 1905 a 1908.

11 BOLONHA, 1932, p.43

12 Folha do Norte, 22/06/1907.

OS PAVIMENTOS E AS SUAS FUNÇÕES

O palacete em razão do seu extenso e singular programa de necessidades para o lote a ele destinado é uma construção verticalizada e as funções sociais, íntimas e de serviços, foram planejadas em pavimentos, conforme plantas anexas.

O pavimento térreo é destinado às áreas de serviços e dependências de empregados. A entrada principal de serviço é pela passagem Bolonha. Entre os vários compartimentos estão: a sala de refeições de empregados, dois dormitórios de empregados, um pátio coberto de empregados (com acesso pela Av. Gov. José Malcher), uma sala de estar de empregados, despensa, sala de lavanderia e de frigorífico, cozinha, banheiro e sanitário para empregados, (tanque para lavagem de roupas, motor elétrico, depósito para água), sala de engomar, quintal, espaço para garagem, depósito de carvão e lenha.

Faz-se interessante notar que a sala de refeições de empregados é revestida com o mesmo tipo de azulejo, branco com monograma “FB” e alto relevo em porcelana, àquele encontrado na sala de almoço dos patrões, no 1º pavimento.

O 1º pavimento é todo voltado para a função social do palacete e é sua área de maior prestígio. Sua decoração é rebuscada e onde estão: pátio social de acesso coberto com chegadas por escada pela Av. Gov. José Malcher e pela Passagem Bolonha; sala de visitas/música (onde havia um piano de 4º de cauda). Escada social (arranques ou entradas em mármore esculpidas com figuras de leões), sala de estar, sala de jantar, sala de almoço, sala de lavatórios, escada helicoidal para empregados, elevador de carga para a cozinha, sala de banhos.

O 2º e 3º pavimentos, são destinados à família e onde se encontram os ambientes íntimos. É possível observar nas fachadas que esses dois pavimentos, são tratados como integrantes de mesma função. O 2º pavimento é a área intermediária entre os salões e os quartos sociais/

casal do 3º pavimento. O 2º pavimento, abriga o salão de costura, a sala de vestir feminina, o salão e sala de roupeiros masculino (onde existe um cofre embutido), sala de banhos de luxo e terrace para a baía de Guajará, escadas social e de serviço.

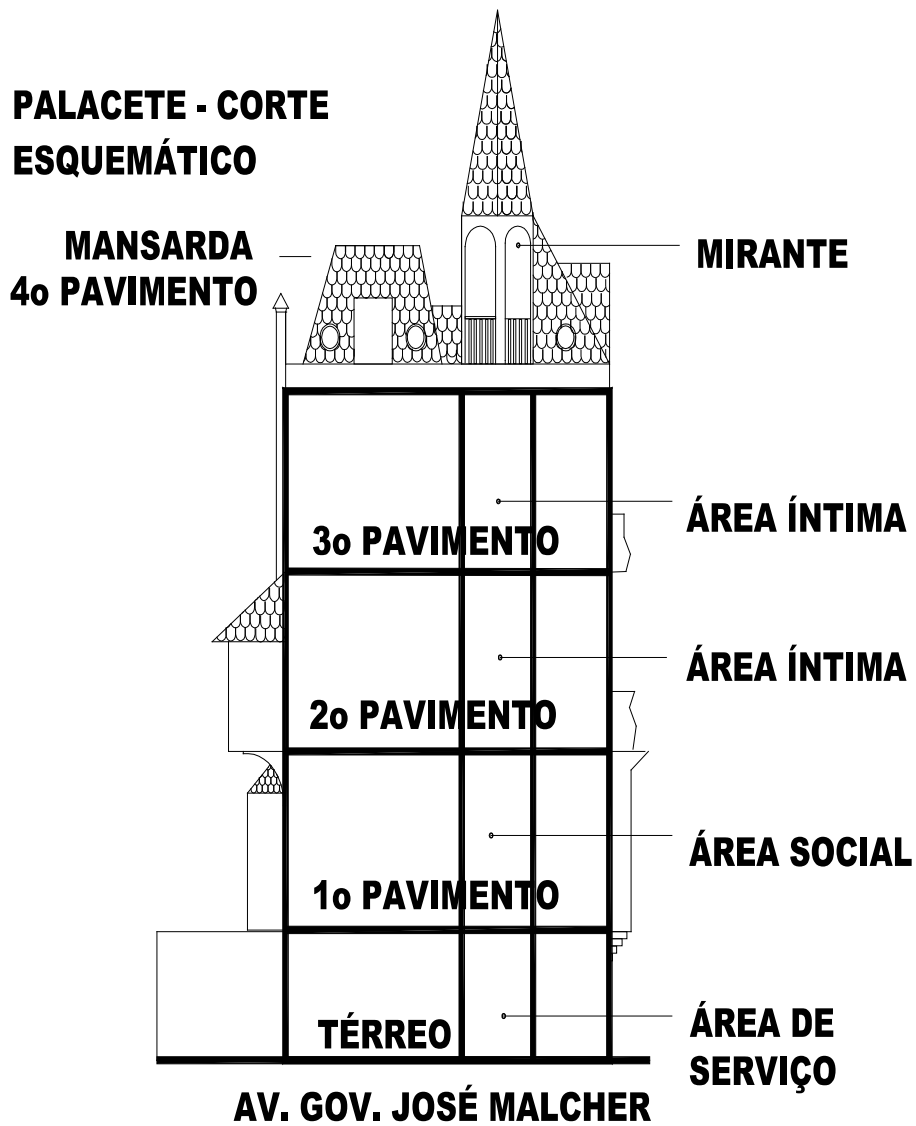
O 3º pavimento, possui um amplo quarto do casal e que se comunica com outro menor (também dos cônjuges), um quarto auxiliar, um lavabo, a capela particular, o banheiro/sanitário, a biblioteca com mezanino e o terrace para o nascente e escada social. A capela era um espaço decorado com simplicidade, possuía um altar em madeira de lei e um genuflexório.

O último pavimento é um salão/mansarda, coberto com telhas de vidro e um mirante para o nascente. A mansarda possui três águas furtadas que permitem vista para quase toda a cidade, ela complementa as áreas íntimas do palacete. A mansarda funciona como mirante e depósito.



Foto 3 - Vista do cruzamento da Av. Governador José Malcher com a Passagem Bolonha. As fachadas marcam os pavimentos com suas respectivas funções.

PALACETE BOLONHA
CORTE ESQUEMÁTICO TRANSVERSAL
Sem escala.



AS CIRCULAÇÕES

O palacete possui duas entradas e circulações distintas. A social, para uso dos familiares e de visitantes e a entrada de serviços, para uso dos empregados. Os proprietários circulavam em áreas privativas, enquanto os empregados, se deslocavam por circulações e escadas diferenciadas, que unem o primeiro andar aos demais pavimentos. A circulação do palacete é funcional e criada para satisfazer o gosto e as necessidades de seus donos.

OS SERVIÇOS, MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

No pavimento térreo, destinado aos serviços do palacete, os cômodos são em geral, menores em relação aos demais da edificação. A circulação se faz diretamente entre as dependências. Portanto, as salas comunicam-se umas com as outras. A sala de estar desse pavimento fica entre os dois dormitórios, sendo um, com frente para a Avenida Governador José Malcher, onde funcionava eventualmente a barbearia e o outro dormitório para a passagem Bolonha, bem ao gosto e espírito do engenheiro, industrial, comerciante, empresário e um dos fundadores da Escola de Engenharia do Pará (1931), Francisco Bolonha. Esses dormitórios tinham acesso por portas situadas sob o hall da escada da entrada principal do palacete. Por ali, podiam entrar empregados, o barbeiro e até o proprietário, sem que tivessem que atravessar as demais áreas de serviços.

Os empregados acessavam ao palacete, sobretudo através da entrada de serviços localizada no térreo, de frente para a Passagem Bolonha (hoje, n.18). Utilizavam essa entrada, os prestadores de serviços

e recebimento de mercadorias e correspondências.

Pela avenida Governador José Malcher, havia outra entrada, destinada aos veículos e pequeno quintal. Como também, aos fornecedores que abasteciam o palacete, de carvão e lenha e cujos depósitos, encontravam-se nessa área.

No térreo, existiram entre outros, as máquinas e equipamentos usados nos diversos serviços do palacete: depósito de água (cisterna) acoplado a uma moto-bomba elétrica que abastecia a todos os andares com água fria; depósito em metal para água quente, com derivação direta para todos os banheiros; refrigerador elétrico americano, tipo industrial, onde eram conservados os alimentos; fogão americano esmaltado e com forno; depósito d'água e estufas; exaustor (coifa) sobre o fogão, acoplado a uma tubulação de ferro, que conduzia o ar quente retirado da cozinha levando-o para a chaminé com saída sobre o telhado; elevador de carga (monta carga), para transporte de alimentos e bandejas da cozinha para o primeiro andar, onde estavam situadas as salas de refeições.

A TECNOLOGIA E OS MATERIAIS

As paredes

No pavimento térreo, as paredes externas e internas foram construídas em alvenaria de pedra e rejuntadas com argamassa de cimento¹³, areia e água. As paredes externas apresentam largura de 0.70m e as internas, variam de 0,50 a 0,30m, exceto a parede que passa no eixo longitudinal do prédio e que mantém a mesma dimensão das paredes externas. O conjunto de paredes forma a base de sustentação do edifício.

Os trabalhos de prospecção realizados pelos museólogos Euler Arruda (arquiteto) e Ildo Barbosa Teixeira e o engenheiro Deolindo Eugenio da Silva Sodré, quando foram encontradas no interior das paredes, telas metálicas do tipo deploié fixadas com solda a pilaretes (cantoneiras) metálicos, com finalidade de aumentar a resistência das paredes que formam o sistema de sustentabilidade do conjunto da edificação. As telas foram revestidas de argamassa de cimento e receberam uma camada de reboco. Entre outras confirmações, foram localizados os testemunhos de concreto embutidos nas paredes onde se localizava a escada social ou dos leões, o que permitiu segundo técnicas de restauro, o retorno da espacialidade e a mesma.

13 Bolonha era o principal importador de cimento no Pará. (“Folha do Norte, 22/06/1907, p.1)

Ferro Fundido

Para a arquiteta Verônica Guimarães¹⁴, o ferro fundido aparece nas fachadas nos dutos de descida das águas pluviais, que emolduram as elevações frontal e lateral esquerda, nas grades, nos balcões e parapeitos, diferenciados conforme seu posicionamento. De baixo para cima, é possível ver esses elementos (grades, balcões e parapeitos) ganhando “importância” e conseqüentemente, rebuscamento.

No térreo, as grades aparecem fechando todas as janelas. São barras em forma de lança com volutas ao centro. Os elementos mais marcantes nesse piso são as grades e os portões do acesso principal. Este conjunto, sem duvida, é um dos mais singelos exemplos da estética art-nouveau em Belém do Pará.



Foto 4 – Detalhes em ferro fundido pela fachada da passagem Bolonha.

14 GUIMARÃES, 1998, p.76

Revestimentos

Estuque

Consiste numa mistura de gesso, calcário e areia, de fácil modelagem, mas de rápida secagem. É empregado em escultura e decoração de paredes.

Bolonha usou o estuque no revestimento de paredes externas e internas de sua residência. As fachadas principais do prédio apresentam esses elementos decorativos em forma de guirlandas de flores que aparecem em diferentes tipos, emoldurando as janelas. Encontramos também o estuque em forma de painéis, onde se observa a presença de anjos e ninfas num cenário mitológico. Frizos, cornijas¹⁵, fitas, cariatide¹⁶, cabeça de leão, volutas¹⁷ e balaustradas¹⁸, são outros tipos em estuque que foram usados na decoração do palacete.

No interior do palacete encontramos o estuque na sala de visita/música, em molduras, com duas ninfas em alto relevo, com instrumentos musicais e sancas e tríade de anjos no centro do teto.

No quarto de vestir de Dona Alice, no 3º andar, encontramos painéis em estuque nas paredes e no teto, semelhantes aos da sala de visita/música.

15 cornija-faixa que se destaca horizontalmente da parede e acentua as suas nervuras horizontais. Separa a parede do teto ou do ático.

16 cariatide – equivalente feminino do Atlante, com vestes longas. Escrava.

17 voluta – elemento arquitetônico es espiral.

18 balaustradas – de balaústre. Coluneta redonda ou poligonal de pedra ou madeira, em geral bastante ondulada e modelada, que sustenta um parapeito ou um corrimão. O conjunto, flanqueado por pedestais, leva o nome de balaustrada.

No vestíbulo e na biblioteca existem painéis em estuque. Os motivos são semelhantes aos ornatos externos: anjos, ninfas e guirlandas de flores.



Foto 5 – Detalhe de ninfa em estuque, na decoração de parede da sala de visitas e música.

Pisos

Foram usados diversos tipos de materiais: mármore preto e branco, marmorite, lajota hexagonal, lajota em leque, outras lajotas, pastilha, tábua e outros elementos em madeira de lei e placas de vidro.



Foto 6 – Detalhe de piso em pastilhas (acesso coberto que antecede a sala de visitas/música).



Foto 7 – Detalhe de piso em lajota hexagonal (circulação entre cômodos).



Foto 8 – Detalhe de piso em lajotas



Foto 9 – Detalhe de pisos com combinação de lajotas hexagonais (esquerda) e lajotas em leque.



Foto 10 – Detalhe de piso em madeira: pau amarelo e acapú com incrustações.



Foto 11 – Detalhe de piso com tábuas de acapú e pau amarelo.

Paredes

Reboco liso, estuque, azulejo branco, azulejo biselado, painel cerâmico, azulejo decorado, madeira e ladrilho hexagonal.



Fotos 12 e 13 - Revestimentos de paredes internas em azulejos com motivos florais.

Forro

Reboco liso, estuque, madeira, azulejo branco, folha de flandres, azulejo decorado e vidro.



Fotos 14 e 15 - Detalhes de forros em madeira de lei com pintura e douramento.



Foto 16 e 17 - Detalhes de forros em estuque.

A cobertura

A estrutura do telhado é em madeira de lei, acapú. Foram usadas peças de 6”X4”, 4”X4”, pernamancas e ripões.

A cobertura apresenta três tipos de telhas: telhas de barro tipo francesa, importadas da cidade do Porto, em Portugal; telhas em ardósia que cobrem a área da mansarda e o sótão (onde se observa os grossos tirantes em ferro que atracam a edificação no seu nível mais alto) e telhas de vidro, usadas para iluminar a área da mansarda. As águas furtadas ventilam e iluminam a mansarda e o sótão, assim também as envasaduras do tipo “óculo”. Os arremates de rincões, espigões e cumieiras são trabalhados em chapas metálicas lisas ou em alto relevo, com esmero e vários motivos decorativos.

Ainda no nível da cobertura, destaca-se o “torreão”, que cobre o mirante. Acompanha em qualidade e revestimentos o padrão da mesma.



Foto 18 – Detalhe da cobertura com telhas planas em ardósia, elementos em metal e furta água.

AS INSTALAÇÕES DOMICILIARES

Bolonha utilizou os conhecimentos técnicos e inovações da época e os empregou com habilidade na construção da sua residência:

A rede de energia elétrica foi executada com eletrodutos de cobre embutidos nas paredes, uma inovação no início do século XX, em Belém. O sistema dispunha de quadros de energia elétrica com diversos circuitos, tomadas, interruptores e disjuntores.

A energia trifásica era fornecida pela Pará Electric Railways and Lighting Company, Limited¹⁹.

As redes de água fria e quente atendiam todos os andares do palacete. As tubulações e conexões eram em ferro fundido. Havia caixas de descargas externas, em todos os banheiros e o uso de sifões, nos vasos sanitários e mictório importados.



Foto 19 – Detalhe de descarga sanitária em metal importada da Inglaterra.
Produzido por Doulton & Co Limited Patent - London.

19 LEMOS, Antônio. Relatório 1908, p. 76

O abastecimento de água domiciliar era feito pela Companhia de Águas do Estado do Pará que realizava esse serviço desde 1884²⁰.

A rede de águas pluviais, com o sistema de calhas metálicas, recebia as águas do telhado e que eram conduzidas ao térreo, por meios de condutores circulares em ferro fundido elaborados, fixados externamente nas fachadas do palacete.

A rede de esgoto atendia a todos os ambientes destinados aos banheiros, a cozinha, a lavanderia, os tanques e os lavatórios.

O gás encanado era fornecido pela Companhia de Gás do Pará.

20 BOLONHA, 1932, p 39.

O MOBILIÁRIO ²¹

Discriminação:

PAVIMENTO TÉRREO: Importante refrigerador elétrico com grande capacidade prestando-se não só para casa de família como para hotel, botequim, mercearia e vapor; armários grandes revestidos de porta de ferro e com mármore embutido, armários pequenos, estante envidraçada, 3 grandes balcões com pedra mármore branco de grande grossura, mesas com mármore branco embutido para cozinha e outros misteres, relógios, espelho grande de cristal facetado, muitas balanças, relógios e de outros feitios, cabides de metal para parede, maquina para quebrar gelo, garrações grandes, molduras, muitas louças avulsas, 1 globo grande para colégio, 9 patescas de um e de dois gomos, fogão a gás e uma porção de objetos. Um piano mudo para estudo de teclado.

SEGUNDO ANDAR: Belíssimo piano de cauda com atracação de metal, teclado de marfim do afamado fabricante alemão Bluthner. Rica mobília francesa estofada de seda grená e dourado a fogo. Colunas, peanhas, diversos cachepots de metal e de porcelana de vários feitios e tamanhos, 2 estatuetas de mármore branco de metro de altura, fino trabalho de escultura, estatuetas de bronze autentico sobre custoso mármore escuro, estatuetas de bronze e marfim de G. Jaeger, estatuetas de bronze comercial, jarras, tapetes aveludados, boa passadeira vermelha aveludada com 30 metros de comprimento e como se não fosse usada, cortinas, grupos de sala de estar, cadeiras de embalo, colunas, porta-bibelot e mesas de centro, inclusive uma com tampa de grosso cristal tudo de vime americano e porta bengala em mármore branco para cabide de entrada.

21 Folha do Norte, 28/11/1938 – Edital de Leilão

SALA DE JANTAR: Custosa guarnição de sala de jantar, belíssimo estilo gótico, delicado e finíssimo trabalho de talha de marcenaria parisiense, 16 peças: linda cristaleira com fundo-espelhado e prateleiras de grossas lâminas de cristal, buffet e etagere com mármore fosco e espelhado de cristal biselados, mesa redonda elástica e 12 cadeiras estofadas de couro e alto espaldar.

SALA DE ALMOÇO: Bonita guarnição para sala de refeições, elegante fabricação francesa, 13 peças: cristaleira com fundo espelhado e prateleiras de grosso cristal, bufett e trinchante com mármore de cor, mesa redonda com mármore de cor, guarda-petisco revestido de cristal e 8 cadeiras. Relógio carrilhão, rica jardineira de prata de lei maciça sobre espelho de cristal embutido em mesmo metal para centro de mesa, 1 dita de igual feitio e do mesmo tamanho de electroplate, diversos objetos de electroplate e crystofle, copos de pé e sem pé, cálices de todo tamanho, compoteiras, garrafas, canecas, taças porta-sorvete, lava-dedos e outros objetos, tudo em cristal, bacarat e vidro. Muitas louças, quadros de santos, plantas de adorno, ótima geladeira esmaltada de branco revestida de metal e mesinha – carro.

TERCEIRO ANDAR: Valioso espelho parisiense com 4 faces de cristal facetado, esplendido grupo de metal amarelo, 3 peças: 2 camas com tela de arame para solteiro e mesinha de cabeceira. Estante envidraçada, estantes pequenas, arquivos, secretaria americana autentica com 2 ordens de gavetas, cadeira de rodízio, secretaria americana com 1 ordem de gavetas, muitos ventiladores grandes de mesa, magnífica mesa com gavetas e mármore cinza embutido, mesas pequenas com tampo de cristal grosso, espelhos pequenos, lamina de cristal, balança de pesar gente, cesto de metal para roupa, armário para remédios, camas com tela de arame, mesinhas de cabeceira, cadeira de embalo, cadeiras avulsas, cadeira para fazer oração, cadeira para repouso, mesas de centro, porta-toalhas, escadas americanas de vários tamanhos. Diversos guarda-

vestidos com porta de espelho de cristal biselado, diversos guarda-vestidos sem espelho, muitos roupeiros e cômodas de vários tamanhos, tudo com pedra mármore, psychés e toilettes-lavatorios com espelho de cristal biselado e mármore, sapateiras tudo de madeira clara, conservado e muito aseado.

A VILA BOLONHA

Ao lado do palacete, com fachadas para a Passagem Bolonha, o engenheiro construiu um conjunto de casas residenciais para operários²², a Vila Bolonha, harmonioso e imponente conjunto arquitetônico e paisagístico, onde se observa o uso de vários materiais semelhantes aos do palacete, como coberturas com grande inclinação e algumas com águas furtadas e gradis em metal. A via da passagem é pavimentada com paralelepípedos com desenho/assentamento em forma de “espinha de peixe”.

As casas da Vila possuem decoração comedida que remontam a modinatura de construções inglesas e foram construídas nos alinhamentos da passagem. Seus principais elementos de fachada são: os parapeitos em ferro fundido, com o monograma (FB) do proprietário ao centro; destaca-se o revestimento em relevo com bossagem em massa ao redor das janelas e entre as casas; os gradis em ferro fundido coroam as platibandas. O conjunto da Vila é linear e as casas são geminadas. O aspecto volumétrico que a Vila apresenta, é “quebrado” por recuos nas fachadas, marcando as entradas das casas. Os telhados da Vila são em telhas francesas e várias delas apresentam “respiradouros”, como possuem grande inclinação e lanternins, com cobertura de zinco e laterais em ardósia em forma de escama de peixe. Apesar desses elementos de cobertura, não são mansardas (como no caso da cobertura do palacete).

22 LEMOS, Antônio. 1907, p.105



Foto 20 - Detalhe da cobertura das casas da Vila Bolonha, com telhas tipo francesas e a esquerda, estas com respiradouros. No centro da foto, uma “água furtada”.

A passagem Bolonha inicia na Avenida Governador José Malcher e é em declive até os fundos da Vila. A numeração atual das casas (que formam com o Palacete, magnífico e harmonioso conjunto arquitetônico) da Vila corresponde respectivamente aos números: 28, 38, 50, 60, 68, 78, 92, s/n, 116, 134 (lado esquerdo da passagem no sentido da Av. Governador José Malcher para Rua Boaventura da Silva), 58, 59, 61, 62, 63 (lado direito) e ainda, no cruzamento da avenida com a passagem, 321 e 321c²³. A passagem Bolonha possui saída pela rua Boaventura da Silva.

23 Cabe salientar que o acesso de serviço do Palacete pela passagem Bolonha é número 18.



Foto 21 - Vila Bolonha, ao fundo a direita, o Palacete Bolonha.



Foto 22 - Vila Bolonha vista do cruzamento da Av. Governador José Malcher com a Passagem Bolonha. Ao fundo e a direita, inicia a Rua Boaventura da Silva. À esquerda da foto a entrada de serviço do Palacete.

A FAMÍLIA BOLONHA

1 – Francisco de Paulo Bolonha Loureiro

o – Henriqueta Barreto Bolonha

2- Francisco Bolonha – (1872 – 1938)

o- Alice Tem-Brink

o – Augusta de Paiva Bolonha

2- Julieta de Paiva Bolonha 1890

o- Lindolfo Campos

3- Elza Bolonha de Campos (Soares)

o- Luciano Rios Soares

3- Olavo Bolonha de Campos

3- Mario Bolonha Campos

o- Ruth Machado Campos

2- Benjamim de Paiva Bolonha 1892

o- Eglantina Lalor de Lemos Bolonha

3-Flávio

3-Vera

3-Maria de Nazaré (Marita)

3-Francisco Bolonha Sobrinho (arquiteto)

3-Carmem

3-Guilherme

3-Yolanda

o-Rodolpho Fiúza de Melo

CONVENÇÃO: 1- Pai 2- Filho/a 3- Neto/a o - Cônjuge

PLANTAS DOS PAVIMENTOS

GALERIA DE FOTOS



Foto 23 – Sala de visita/ música. Piso em madeira de lei, acapú e pau amarelo. Esquadrias em madeira de lei, pintadas a óleo, em branco. Na época, as tintas eram preparadas no local pelos próprios pintores. As esquadrias são duplas; a primeira/externa, em madeira e vidro, com 4 folhas superiores e 4 inferiores, todas independentes, fixadas por dobradiças metálicas, a segunda/interna, voltada para o interior da sala, todas em madeira maciça, dividida em 4 folhas, que poderiam quando abertas, serem escamoteáveis no interior das paredes(nicho), uma inovação na época, que imprime segurança ao imóvel pois funcionam como “grades”. As paredes, revestidas em estuque com figuras em alto relevo. Painéis em madeira pintados de branco guarnecem as paredes até a altura de 0.80m. Um belíssimo piano de cauda, com atracção de metal e teclado de marfim do afamado fabricante alemão Bluthner compunha parte do mobiliário desta sala.

“As quintas-feiras, D. Alice reunia os adultos amigos dela, para os saraus litero-musicais. Vinham artistas famosos, cantores líricos, músicos, atores, mostrar seu talento sob o arco do salão nobre do palacete” (Eneida Salamonde).



Foto 24 – Escada principal vista da sala de visita/música. Foi reconstituída pelo engenheiro Deolindo Eugenio da Silva Sodré e Arquiteto Euler Santos Arruda, para voltar a espacialidade e restabelecer a circulação social conforme critério de restauração²⁴, no ano de 1988. Os pisos da escada original foram vendidos durante o leilão de 1938 e hoje se encontram em uma residência particular em Belém.

A escada vista acima foi demolida em recente reforma por terceiros e os arranques da mesma (leões) foram retirados do lugar original e colocados em local equivocado como mostra a foto a seguir.

“D. Alice costumava nos levar pela escadinha de caracol para a capela que era pequenininha e tinha um calor especial que me atraía. Descíamos pela escada de mármore toda branca com laterais trabalhadas com dois leões”.(Eneida Salamonde)

24 Carta de Veneza, 1964



Foto 25 - Os arranques da escada social principal (leões) foram retirados do lugar original e colocados em local equivocado.



Foto 26 – SALA DE ALMOÇO. Paredes revestidas com azulejos brancos até a altura do teto e com a logomarca do engenheiro (FB) nos azulejos superiores a barra. Ao lado, à direita, a sala de fumar, também toda revestida de azulejos iguais aos da sala de almoço. Os pisos das duas salas, em pastilhas, formam diversos desenhos. Olhando de fora do palacete, observa-se, que a sala de fumar foi construída em balanço, destacando-se da volumetria do prédio. Observar a abertura na parede frontal pela qual pode-se divisar o hall da escada principal e a sala de visita/música. Nessa abertura havia um relógio voltado para a sala de almoço. A abertura possui duas finalidades: circulação da ventilação entre as salas e permitir a observação das pessoas circulando nos diversos ambientes. Era nesta sala que o engenheiro Bolonha reunia, aos domingos e dias de festas, familiares e amigos, bem como os sobrinhos e outras crianças, presenteando-os, com brinquedos e vários divertimentos. “O almoço saía na hora certa no ritual de sempre e mais, ao lado do prato de cada um o Dr. Chiquinho colocava sempre um presente: “aquela” caixa de lança perfume fechada, pacotes de serpentina e de confetes fechados. Eu era uma menina que não tinha acesso a uma só lança perfume, de repente ganhava uma caixa toda lacrada. Aquilo era um acontecimento, e eu esperava este carnaval com muita ansiedade”. (Eneida Salamonde).



Foto 27 – SALA DE JANTAR – Paredes revestidas em madeira de lei, polida, e com aplicações em alto relevo, criando volumetria para o conjunto. As lajotas sextavadas do piso formam desenhos geométricos, que se multiplicam por toda a sala. Observar a direita, a sala de almoço da foto anterior que se comunica à sala de jantar, por uma larga porta que separa os dois ambientes. Esta sala somente era usada em ocasiões especiais, aniversários, natal, ano novo e recepções a políticos, artistas, empresários e visitantes por aqui de passagem. “Eu tinha 15 anos no dia do concerto. Via tudo de repente: a mesa de cristais finíssimos, toalhas bordadas, lindas!...” (Eneida Salamonde).



Foto 28 – Detalhes dos azulejos da sala de almoço, com monogramas do proprietário. Foram encomendados especialmente pelo engenheiro e importados da Europa. Passados quase 100 anos, os azulejos brancos, com as letras em dourado, conservam o brilho e a tonalidade da época em que foram aplicados. Observa-se que a colocação dos azulejos e lajotas fora executada por mestres pedreiros especialistas, trazidos da Europa e que contribuíram com seus trabalhos para a valorização artística do palacete. Bolonha empregou diversos tipos de azulejos, lajotas e pastilhas no revestimento da edificação.
“...Olhava o teto, as paredes com o monograma de ouro, o piso de cristal e uma pia grande dourada com torneiras de ouro no lavabo do salão de baile...” (Eneida Salamonde).



Foto 29 – Hall do banheiro e lavabo do 2º pavimento nos fundos das salas de jantar e de almoço. As escadas de serviços, para uso dos empregados, serviam de ligação entre as áreas da cozinha e os salões de almoço, festas e banquetes, contígua às mesmas, existia um elevador (monta carga) que transportava bandejas com bebidas e alimentos entre os pavimentos. Observar os diversos revestimentos usados: lajotas sextavadas e blocos de vidro no piso. Nas paredes, lajotas, azulejos decorados e molduras em estuque porcelanado. As escadas da foto não são originais, foram restabelecidas de maneira simples e sem detalhes, como eram as originais, para permitir a espacialidade do ambiente e a circulação, segundo critério de restauração.



Foto 30 – Piso em blocos de vidro no primeiro pavimento. Servem para iluminar a entrada de serviço no térreo. Esses blocos são apoiados em vigas metálicas. Ao fundo, as molduras com painéis de estuque porcelanado revestindo as barras das paredes do hall dos banheiros e lavabo.

“...Mas, o chão de vidro era demais para mim, pulava em cima e não quebrava”. (Eneida Salomonde).



Foto 31 – SALA DE BANHO DO CASAL BOLONHA. A mais luxuosa sala de banho da cidade no início do século XX. Começando pelo tamanho, 30m², o engenheiro exagerou na escolha de materiais constantes dos catálogos europeus colocados a sua disposição. Piso em lajotas de mármore, preto e branco. Azulejos brancos até o teto. A banheira em mármore acoplada ao box circular com chuveiro e ducha. O conjunto tem no box, a forma de um nicho. Ferragens em metal dourado. Água fria e quente em todos os aparelhos. Caixa de descarga e vaso sanitário em louça, uma inovação para a época.



Foto 32 – BIBLIOTECA DE FRANCISCO BOLONHA –Esta sala, localizada no 4º andar, era o escritório do engenheiro, onde ele desenvolvia seus projetos e planejava suas construções e empreendimentos. Detalhe do mezanino onde estava localizada a biblioteca, formada por centenas de livros técnicos, a maioria de autores franceses, ingleses e dos Estados Unidos da América do Norte e diversos Cadernos de Encargos e Diários de Obras, onde relatava suas obras. Esse importante acervo não foi localizado.

Em sessão solene da Congregação da Escola de Engenharia do Pará, Bolonha foi homenageado pelos professores e alunos daquela escola e na ocasião uma placa com seu busto foi inaugurada na sala da Congregação. Na mesma ocasião, Bolonha fez doação de sua biblioteca para a Escola de Engenharia do Pará. A placa encontra-se hoje no salão Francisco Bolonha no térreo do edifício sede do CREA/PA, por doação do Comandante Antônio Guimarães Guerreiro.

O mobiliário e sua disposição na sala não são originais.



Foto 33 – Detalhe de escada social entre o 3º e 4º pavimento que permanece como elemento arquitetônico original com estrutura metálica, balaústres e espelhos da escada trabalhados e pisos em mármore. É a ligação entre as áreas privativas do palacete. Somente os membros da família circulavam por essa escada. As outras escadas, as de serviço, foram vendidas e retiradas do palacete.



Foto 34 – Detalhes de aberturas nas paredes sobre portas e janelas externas do palacete. Funcionam como exaustores retirando o ar quente acumulado junto ao forro. Observar armadores de rede nas paredes dos quartos, um costume da região. Destaca-se o detalhe do forro em madeira elaborado com aplicações, volumetria e marcenaria esmerada.



Foto 35 - Detalhe da “chegada” de escada original na mansarda no 4º pavimento do palacete. Esse espaço era usado como depósito e também mirante por seus furta águas. Ao fundo, sob a janela, a “conversadeira”. Observar o piso em ladrilhos com detalhes.



Foto 36 – Belo detalhe em painel com técnica de estuque e realces com folha de ouro, nas ninfas da sala de visita/música e do quarto de Dona Alice.

METODOLOGIA E CONSIDERAÇÕES DOS AUTORES

As pesquisas para coleta de informações sobre o Palacete Bolonha e o seu proprietário, o engenheiro Francisco Bolonha, foram realizadas: nas Bibliotecas Central e do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará, na Biblioteca Pública Arthur Viana (Centur), na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU da UFRJ, nos Arquivos do Centro Tecnológico da UFPA, no Arquivo Público do Estado do Pará, em jornais: “O Democrata”, a “Folha do Norte”, a “Província do Pará”, na revista “A Semana”, entre outros, que circularam em Belém no período de 1848 até 1938, bem como, nos “Relatórios dos Governadores do Estado do Pará”, publicados no mesmo período e nos “Relatórios do Intendente Antônio Lemos”, publicados entre 1902 e 1910.

Entrevistas com familiares de Francisco Bolonha e com o engenheiro Osmar Pinheiro de Souza, diplomado na turma de 1939, pela Escola de Engenharia do Pará e que conviveu com Bolonha, quando o mesmo foi professor e Diretor daquela Escola, forneceram importantes informações para valorização deste trabalho.

A primeira vez em que identificamos o nome Bolonha, foi no Relatório de 1848 do Governador da Província do Pará, Jerônimo Francisco Coelho, onde na página 28, existe o seguinte relato:

Fiz ao mesmo tempo desobstruir, aplainar, e aterrar o Campo do arraial da parte de Leste da Igreja, que de mais ficou por essa parte aumentada por uma doação de terreno, que obtive da Irmandade de Nazareth, e dos herdeiros do falecido Bolonha.

Os nomes dos pais do engenheiro Bolonha, encontramos em uma nota da Diretoria da Festa de Nossa Senhora de Nazaré, publicada no jornal “A Província do Pará”, do dia 8 de novembro do ano de 1876, p.2, na qual consta os nomes dos eleitos para a diretoria da festividade

do ano de 1877, entre os quais o de “D. Henriqueta A. R. Bolonha como zeladora e Francisco B. Loureiro como mordomo da festa”, o que indica que o casal fazia parte da aristocracia católica, daquela época.

Em visita de pesquisa e estudos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em setembro de 2004, localizamos a documentação do aluno Francisco Bolonha bem como sua Certidão de Batismo, onde consta que o engenheiro foi registrado apenas com o nome de Francisco Bolonha, conforme transcrição:

Escola Politécnica do Rio de Janeiro – Universidade do Brasil – UFRJ.

Centro Tecnológico – CT/ UFRJ (Ilha do Fundão)

Biblioteca Geral – Obras Raras

Sala 106 – Arquivo e Museu

Ficha do Aluno: Francisco Bolonha

Natural do Estado do Pará

Filiação: Francisco de Paula Bolonha Loureiro e Henriqueta Adelaide Rodrigues Bolonha

Nascimento: 22/10/1872

Entrou na Escola Politécnica no ano de 1890

Concluiu o curso de Engenharia Civil no ano de 1894

Apresentou Certidão de Batismo realizado no dia 18/11/1872, na Paróquia da Santíssima Trindade, 3º Distrito da Capital. Belém/Pará

Segundo entrevista presencial por nos realizada no mesmo período acima referido, com o arquiteto Francisco Bolonha Sobrinho, atualmente com 82 anos de idade e que conviveu com o seu tio, o Engenheiro Francisco Bolonha, inclusive no Palacete Bolonha e que reside atualmente na cidade do Rio de Janeiro, declarou entre outras informações, que o nome Bolonha foi incorporado quando o primeiro membro da família chegou a Belém do Pará, oriundo da Itália e da cidade de Bolonha, no início do século XIX. Declarou também que morou na casa de seus avós, Francisco de Paula Bolonha Loureiro e Augusta de Paiva Bolonha, no mesmo imóvel onde morava a família de seu pai Benjamin Bolonha e a família de sua tia Julieta de Paiva Bolonha, na Avenida Nazaré esquina com a Rua Assis de Vasconcelos, no local onde funcionou o Grupo Escolar Floriano Peixoto e hoje a Casa da Linguagem.

O arquiteto Bolonha Sobrinho apresentou-nos diversas peças em porcelana que conserva em seu poder e que faziam parte do acervo do Palacete Bolonha, com o logotipo do seu proprietário.

Cabe destacar sobre a Passagem e a Vila Bolonha, o relato do Intendente Municipal de Belém, Antônio José de Lemos, como segue:

“... mas a travessa Dr. Moraes sai inteiramente dessa linha, no seu começo. Tendo princípio na travessa Quintino Bocaiúva, que é perpendicular, corta as Ruy Barbosa e Benjamin Constant e, pouco abaixo desta, quebra em ângulo reto, para tomar a orientação natural. Além de assumir as características de rua, na sua primeira secção, ainda está fora do critério adotado, porque a sua numeração acha-se na ordem inversa das vias públicas que lhe são paralelas nesta primeira secção. E isso se torna ainda mais notável agora que, na interferência dessa travessa com a avenida São Jeronymo, está edificado o grupo de casas para operários, que, de alguma forma dividiu a travessa em duas vias diferentes”. (1907, p.105).

Com base nas referências quanto à aquisição do terreno por Francisco Bolonha junto a Intendência de Belém e onde se encontram

edificados o Palacete e a Vila Bolonha e o relato supra, Bolonha construiu as casas para operários. Para atender aos seus vários empreendimentos, ele trouxe da Europa os engenheiros Louis Bègon e Harry Nuding e vários operários especializados, que utilizavam a vila construída. O Palacete e a Vila Bolonha foram edificados no período de 1905 a 1908.

De período anterior e modinatura eclética, porém, diferente do ecletismo do Palacete Bolonha, o Palacete José Júlio de Andrade, também projetado e construído por Bolonha²⁵, é do período entre 1904 e 1905, e está situado na antiga Estrada de São Jerônimo, hoje Av. Gov. José Malcher número 1044 (antigo 522) esquina da atual travessa Joaquim Nabuco. Neste prédio esteve hospedado o Presidente da República Dr. Affonso Penna e posteriormente foi sede da Secretaria de Planejamento do Estado - Seplan.

Em 1932, Francisco Bolonha publicou um livro a pedido do Governador Magalhães Barata, em que relata a construção do canal de Água Preta que abastece Belém.

“No meado do século passado, conta-me meu velho pai, quase nonagenário, de fenomenal e angelical memória das cousas, que se passaram na sua meninice, a população da cidade era abastecida por poços escavados em grande número de casas, não dizendo na sua totalidade, para não exagerar, donde a água para todos os fins domésticos era tirada a baldes. Nesses tempos não se conheciam os usos público e industrial da água, sendo ela limitada ao uso particular.

As poucas casas que não tinham um poço no seu quintal, se abasteciam da água de seus vizinhos, que lhes forneciam gratuitamente.

Além disso, havia os poços públicos, no largo do Quartel, no largo da Sé, na Queimada (travessa Carlos de Carvalho), no largo do

25 Em sua fachada ao nível do térreo e junto à escadaria, pela Av. Gov. José Malcher, existia uma placa metálica dourada com as inscrições: “PROJECTOU E EXECUTOU 1904 – 1905 FRANCISCO BOLONHA – ENGENHEIRO CIVIL” e com a assinatura do mesmo. Esta placa não mais existe no local.

Chafariz (travessa da Piedade) e na travessa Dr. Moraes, onde está edificada a minha residência.

Com a evolução dos tempos começou a indústria da venda da água em potes, de folhas de Flandres, de cerca de 20 litros de capacidade, feita por negros escravos, que iam colhe-la em certos poços e vende-la ao público, por 10 réis cada pote.

Algum tempo depois passou esse serviço da venda ambulante a ser feito por meio de pipas, atreladas a um chasis de grandes rodas, conduzidas por carroceiros portugueses, que ficaram logo conhecidos pela alcunha de aguadeiros. Já então cada pote d'água, da mesma capacidade dos primitivos, isto é 20 litros, custava 60 e depois 100 réis.

A água para essa venda ambulante era captada nas nascentes do Baena, na rua dos Mundurucus, perto da Praça Batista Campos, no Paul d'Água, que o povo chamava Pão d'Água, no principio da baixa da avenida São Jerônimo, logo depois da travessa da Piedade e nos tanques do Mato Grosso, nome do seu proprietário, no principio da avenida Nazaré, onde está hoje a garage Central.

Assim foi indo o serviço de abastecimento d'água a nossa capital, por esses processos rudimentares, até que em data de 17 de fevereiro de 1880, foi aprovada a proposta oferecida pelo engenheiro Edmund Compton, para abastecer de água a cidade de Belém, capital da província do Pará, tendo sido, naquela mesma data, assinado o respectivo contrato, no contencioso do Tesouro Público provincial, estando presente o dr. Raymundo Antônio de Almeida e o contratante Edmund Compton. (BOLONHA, 1932, p.32 e 33)

Ao deixar Belém em 1890, Bolonha levava consigo as lembranças e imagens da cidade em que nasceu e se criou. O seu mundo até então era o largo da Pólvora (atual Praça da Republica) com numerosas casas de espetáculos: Teatro da Paz; o Pavilhão de Recreios, onde se davam apresentações de peças teatrais. Cantores, bailarinos vindos da França e da Espanha, freqüentemente chegavam a Belém. O Café Chic e o Café da Paz, outrora situados na atual Av. Presidente Vargas e hoje demolidos, foram locais de boemia e encontros da sociedade, onde a classe média se misturava com a burguesia no objetivo comum de se divertir. A boemia intelectual ali se reunia com freqüência, transformando aquela praça

num logradouro de intensa vida noturna, com características européias e parisienses, que já se refletia no próprio estilo da arquitetura local e mais intensamente nos próximos anos, que é a arquitetura típica da belle époque. O Cassino Paraense, onde fortunas eram trocadas de mãos, a cada noite, em jogos de roletas e partidas de “bacarat”. No local onde hoje está o Hotel Hilton e anteriormente o Grande Hotel, existia o Teatro Circo Cosmopolita, onde havia um grande carrossel ricamente decorado e palco onde se exibiam companhias de revistas, vaudevilles, dramas óperas líricas e cômicas, operetas, acrobatas e trapezistas, mímicos e ilusionistas, muitos deles procedentes do Rio de Janeiro e da Europa.

O artificialismo desse ambiente contrastava violentamente com o estilo de vida da Cidade Velha, conservadora dos velhos hábitos domésticos e contrastava, principalmente, com a pobreza circundante, e até muito próxima, como a do Umarizal”. (SALLES, p. 69 ,130)

Regressando à Belém, Bolonha encontra a cidade transformada em um grande canteiro de obras. Era o Intendente Antônio Lemos urbanizando Belém. Abertura de ruas e praças, calçamento e nivelamento de vias antigas, preocupação com a paisagem. Acresciam-se mais serviços públicos, como transportes, iluminação, porto e telefonia, em cuja exploração predominavam firmas inglesas, e mais a incineração de lixo, o corpo de bombeiros, postos de saúde, hospital, asilo, escolas, mercados, cemitério.

Assim é que, em 1901, inaugurou-se o Mercado do Ver-o-Peso, tornando-se uma das imagens mais conhecidas de Belém, com as suas quatro torres em escamas de zinco. Em 1908, concluíam-se as reformas do antigo mercado da cidade, o hoje mercado de carne, dotando-o de um segundo pavimento. No seu interior, composto de ferros trazidos da W. MacFarlane causam admiração os elementos decorativos art nouveau. Em 1911 inaugurou-se o Mercado de São Braz, projetado pelo italiano Filinto Santoro e rico em materiais importados da Europa, bem

como europeus – italianos, no caso - foram muitos dos seus mestres e operários.

Vale ressaltar que ao final do século XIX inicia-se um novo ciclo da arquitetura paraense, depois do período Landi, seguramente o mais rico. É quando surge a arquitetura eclética, da união do art-nouveau parcialmente assimilado na França - através das constantes viagens que as famílias mais abastadas para lá realizavam - em choque com o neoclássico tardio exigido pelo então intendente da cidade, Antônio José Lemos, uma das mais importantes figuras da região, o que mais embelezou a cidade, buscando um ar europeu para aquela que o acolhera²⁶.

Ao início do século XX Belém contava com iluminação elétrica no interior das casas e a gás nas ruas; duas redes de bondes, uma atrelada a burricos e outra elétrica, para cuja inauguração esteve presente o presidente da firma que ganhou a concorrência de implantação da rede, James Bond - uma invejável rede de esgotos, praças ornadas com as mais belas esculturas e coretos, três cinemas - o mais antigo, por exemplo, ainda em funcionamento no Brasil é o Olympia (inaugurado em dezembro de 1912), situado na Praça da República, ao lado de onde se encontrava erigido o Grande Hotel - o maior de todos os hotéis que o Pará possuiu, que teve a honra de hospedar em 1918 a grande bailarina russa Ana Pavlova, como em 1927 o escritor e poeta Mário de Andrade e, posteriormente, já na década de 60, os escritores franceses Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir; a belíssima gare central da Estrada de ferro Belém-Bragança. Para as cercanias foram expulsos os nordestinos e os negros após a destruição das rocinhas (casas típicas dessa região, agradáveis e saudadas por naturalistas como Bates e Wallace) através do decreto de Lemos, de 1905.

Além disso, uma central de telégrafo e correios atuantes; companhias de navegação, que muitas vezes levavam as roupas de algumas famílias abastadas, como os Bessa, para serem lavadas em Londres por

26 Antônio José Lemos nasceu em São Luís do Maranhão a 17 de Dezembro de 1843.

não aprovarem a água barrenta da região. Uma curiosidade: foram os Bessa que deram origem à expressão "... a bessa", ou seja, à moda dos Bessa, sempre exagerados. Assim como a expressão "sem eira nem beira" nasceu exatamente no período do ecletismo, quando as famílias mais ricas exageravam na decoração das eiras e beiras de suas residências, para comprovar e ostentar o poder aquisitivo que possuíam.

Quando famílias não tinham condições de carregar nesses ornatos, não tinham "nem eira nem beira", ou seja: sem dinheiro. As construções desse período são basicamente ecléticas.

O dinheiro corria com facilidade e mais e mais cresciam as edificações.

A cidade ganha ares de metrópole e esmaga seu visitante, forçando-o a examiná-la, fazendo com que estrangeiros deixem de buscar o exótico. Quiosques e palacetes são construídos, como os de autoria do arquiteto Francisco Bolonha, construtor de uma vila em estilo francês situada no centro da cidade (av. Dr. Moraes), que tem na frente dessa, o palacete que lhe servia de residência. Assim como a casa dos Pernambuco (av. Padre Prudêncio com Trav. Arcipreste Manoel Teodoro), toda revestida com azulejos de Boulanger, o maior artista da azulejaria do período do art-nouveau. (LOBATO, 2003, p.77)

O engenheiro Francisco Bolonha morreu aos 65 anos às 23,20 horas, do dia 08 de julho de 1938. Seu corpo foi velado no Palacete Bolonha, de onde saiu o cortejo fúnebre no dia seguinte às 16 horas para o cemitério de Santa Izabel e colocado na catacumba temporária de número 448. O préstito fúnebre composto de 62 automóveis e quatro carros elétricos transportou as autoridades, familiares e amigos do engenheiro. (Folha do Norte, 11/07/1938).

Após a morte de Francisco Bolonha, sua esposa Alice Tem-Brink Bolonha retornou ao Rio de Janeiro.

O Palacete e tudo que guarnecia o imóvel foram a leilão em novembro de 1938. O prédio foi comprado pelo Sr. Armando da Silva Chermont e os móveis, quadros, louças, máquinas e guarnições foram

adquiridos por compradores de Belém e de vários locais do Brasil. Em Belém ainda existem vários conjuntos de sala de estar, sala de jantar, cristaleiras, e outros móveis guarnecendo propriedades de moradores desta cidade. Os proprietários que se seguiram foram os senhores, Enéas Lator Barbosa e Antônio Supresto Fonseca.

O palacete Bolonha foi tombado em 02.07.1982 pelo Departamento de Patrimônio, Artístico e Cultural do Governo do Estado do Pará.

Entrevista com a Sra. Eneida Salomonde (Revista Espaço, Francisco Bolonha o Arquiteto da Amazônia)

Sra. Eneida Salomonde volta à Belém depois de muitos anos e foi visitar o Palacete Bolonha que abrigava, então, a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Governo, lá encontrando fotos antigas das reuniões dos Bolonha no Palacete, vendo-se nas fotos conta seu espanto e emoções.

Foi um concerto de Nazaré Pinheiro Vasconcelos. Ela era uma jovem muito bonita e eu tive oportunidade também de assisti-la no Teatro da Paz. Eu tocava piano também, estudei até o 8º ano em Belém. Daquela reunião me lembro muito bem. Maria de Nazaré tocou de L.m. Gottfchalk, “ A grande fantasia triunfal do Hino Nacional Brasileiro”. O compositor foi embaixador americano no Brasil e fez essa música para a Princesa Izabel, esposa do Conde. “Eu estava extasiada, via de tudo, na sala de música do palacete, Nazaré executando Gottfchalk maravilhosamente e quando terminou o concerto foi vibrante!!... Uma emoção inesquecível. Tudo era festa, requinte, elegância em cima de mim, parecia um sonho. Aquele era um momento mágico que marcou mais tarde toda minha vida. Nazaré tinha estado aqui para dar concertos, pois ela já era concertista de renome, e o Dr. Chiquinho (como eu o tratava) convidou-a à tocar no Palacete para as jovens amiguinhas de Elza.

Eneida, você visitava este palacete sempre?

Sim. Eu vinha, brincava, conversava, ouvia música, almoçava, me entretinha pois os domingos do palacete eram muito gostosos. O

carnaval era esperado com ansiedade porque no domingo de carnaval, ele costumava reunir a meninada toda, os amiguinhos de Elza. O almoço saía na hora certa no ritual de sempre e mais, ao lado do prato de cada um o Dr. Chiquinho colocava sempre um presente: “aquela” caixa de lança perfume fechada, pacotes de serpentina e de confetes fechados. Eu era uma menina que não tinha acesso a uma só lança perfume, de repente ganhava uma caixa toda lacrada. Aquilo era um acontecimento, e eu esperava este carnaval com muita ansiedade.

O domingo deles era das crianças, e eu participava sempre dos domingos alegres do palacete. Dr. Chiquinho nos encantava fazendo mágicas, nos ensinando, nos educando. Era um aprendizado alegre e festivo.

Bolonha era então um mecenas?

Sim, ele ajudou muitos jovens, até mesmo pagando-lhes os estudos, oferecendo livros e material escolar, dando aulas. Eu por exemplo fui para o Rio com carta de recomendação para morar com os parentes de D. Alice e lá consegui meu primeiro emprego de secretária esteno-datilógrafa em vinte dias. Oito anos depois conheci meu marido, um curador de menores, Eduardo Guimarães Salamonde, que se apaixonou pela minha música, a música e a beleza que aprendi no Palacete Bolonha.

Quando entrei no palacete, cinquenta anos depois, senti uma emoção tão grande, me assombrei quando vi minha foto lá. Disse: Ah! Eu estou aqui!... E, o tempo girou de repente... e vi toda a beleza de minha juventude naquele momento vibrante!... Eu tinha 15 anos no dia do concerto. Via tudo de repente: a mesa de cristais finíssimos, toalhas

bordadas lindas!... Olhava o teto, as paredes com o monograma de ouro, o piso de cristal e uma pia grande dourada com torneiras de ouro no lavabo do salão de baile. Mas, o chão de vidro era demais para mim, pulava em cima e não quebrava. Descia pela escada de caracol e passava pela copa dos empregados reunidos ao redor da mesa de mármore retangular, sentados com elegância, bem arrumados, todos claros, brancos, só a governanta de cor.

D. Alice costumava nos levar pela escadinha de caracol para a capela que era pequenininha e tinha um calor especial que me atraía. Descíamos pela escada de mármore toda branca com laterais trabalhadas com dois leões.

D. Alice reunia os jovens para saraus de música e arte. Se sou grande apreciadora de música, devo aos Bolonha. Formei minha personalidade artística graças aos Bolonha, e também os requintes na mesa foi com eles que aprendi. A primeira vez que provei aspargos franceses quando passava pela mesa dos criados, na sala de jantar destes, lá no palacete. Eles estavam comendo aspargos e me ofereceram dizendo: prove esta novidade do almoço de hoje, veio das Europas para o patrão.

Às quintas – feiras D. Alice reunia os adultos, amigos dela para os saraus lítero-musicais. Vinham artistas famosos, cantores líricos, músicos, atores, mostrar seu talento sob os arcos do salão nobre do palacete.

No livro de Octávio Meira, “Memórias do quase ontem”, publicado em 1976, encontramos os seguintes relatos:

“Em 1907[...]. Meu avô, logo que chegou a Paris, foi morar no Hotel Université, onde residiam muitos paraenses: d. Augusta Bolonha

e família, um médico do Pará, dr. Joaquim Paulo de Souza, Ludovico Paiva e família.(p.86).

“Do hotel Université passou a família de meu avô para o Lord Byron. Essa carta de minha avó está escrita no papel timbrado onde se lêem: “Elevador. Aquecimento por água fervente.Luz elétrica. Jardim. Telefone 537-73. E do outro lado do papel: Hotel Lord Byron, 16 rue Lord Byron. Champs-Elisées- Paris. J.Bergmans & Despoys, proprietários.”(p.87)

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Euler Santos. Porto de Belém: Origens, concessão, contemporaneidade. 200 fs. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – IPPUR, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

ARRUDA, Euler Santos. Palacete Bolonha: Uma Casa de Época da Belle Epoque em Belém do Pará. 80 fs. Texto de Dissertação para Mestrado – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESP / Curso de Museologia, São Paulo, 1984.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos). Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1909. v.7.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos). Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1902.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos) Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1909. v.7.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos). Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1904.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos). Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1905.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos) Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1906.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos) Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1907.

Belém (PA). Intendente (Antonio Lemos) Relatório. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, Praça Independência, 1908.

BASSALO, Célia. O “Art Nouveau” em Belém. Belém: Grafisa, 1984.

BOLONHA, Francisco. Canal de Água Preta. Belém: Oficinas Graphics do Instituto “D.Macedo Costa”, 1932.

CRUZ, Ernesto. As Obras Públicas do Pará. Belém: Imprensa Oficial, 1967.

GUIMARÃES, Verônica Paiva. Palacete Bolonha: Uma Casa Européia na Floresta Tropical. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 1998

LOBATO, Célio Cláudio de Queiroz. O Plano Urbano de Antônio Lemos – A Planta de Belém de 1905. 127 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – IPPUR, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MARANHÃO, Haroldo. PARÁ, CAPITAL: BELÉM. Belém: Supercores, 2000.

MEIRA, Octávio. Memórias do quase ontem. Rio de Janeiro, RJ: Lidador Ltda, 1976.

PALMEIRA, Amassi. Francisco Bolonha: O Arquiteto da Amazônia. In: ENCONTRO NACIONAL DA CONSTRUÇÃO, 11., 1993, Belém.

REVISTA A SEMANA, Belém, 30.04.1921.

SANTOS, Carlos Correia. Grandes Paraenses/Francisco Bolonha, A

Província do Pará, Belém, 21.01.2001.

TOCANTINS, Leandro. Santa Maria De Belém Do Grão Pará. Belo Horizonte, BH: Editora Itatiaia Limitada, 1987.



Foto 37 - O engenheiro civil Francisco Bolonha em traje a rigor. A elegância era uma de suas características e comum na aristocracia da Belle époque. No diário, trajava passeio completo na cor branca.



Foto 38 - Fachada frontal do Palacete Bolonha